

Depois do Tarrafal — a Faculdade de Letras

LUANDINO VIEIRA: O DIÁLOGO DE UM LIBERTADOR DE CULTURA

«Escrever porquê? Para quê?» — eis o tema de um colóquio, orientado pelo escritor angolano Luandino Vieira, na Faculdade de Letras, onde foi recebido pelo

REENCONTRO HISTÓRICO

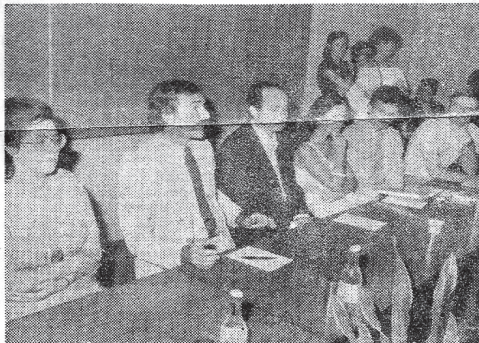
O grande escritor angolano tinha à saída do colóquio um reencontro significativo: o do chefe dos guardas do campo de concentração do Tarrafal, homem que manteve relações cordiais com os presos, ajudando-os dentro do possível naquele infernal sistema de vigilância.

Segundo Luandino, comportou-se com dignidade dentro de uma máquina do terror fascista, fazendo vista grossa a muita coisa e facilitando ligações com o exterior. Ontem, pois, um momento histórico: antigo carcereiro e antigo prisioneiro trocaram um abraço, sentido e sincero. Infelizmente de muito poucos carcereiros se conservam estas recordações...

Conselho Directivo e por elementos da Associação de Estudantes. Após as boas-vindas a este vulto da República Popular de Angola — Luandino apresentou-se ao

vivo (pois já era razoavelmente conhecido pela sua obra) ao público estudantil e a numerosos professores. Com humor e realismo, o famoso contador de «estórias» contou um pouco da sua história pessoal e mais ainda da história do seu povo e do nosso — tão ligados por séculos de tragédias e de solidariedades. As transformações operadas nos dois continentes proporcionaram es-

ram parte substancial do diálogo. Luandino recordou que a opressão não foi apenas política, económica e militar, mas igualmente cultural. Ele tirava uma nota negativa se não soubesse fazer uma redacção sobre a videira, quando andava na escola, mas tiraria uma nota altamente positiva se o deixassem escrever sobre o embondeiro... Obrigavam-no a decorar as linhas dos cami-



Luandino Vieira dirigindo o colóquio-debate que decorreu na Faculdade de Letras.

te encontro cultural com um intelectual-cidadão que, antes de passar por colóquios destes, passou por prisões, entre elas, o campo de concentração do Tarrafal.

De resto, as ligações da arte e da política preenche-

ram parte substancial do diálogo. Luandino recordou que a opressão não foi apenas política, económica e militar, mas igualmente cultural. Ele tirava uma nota negativa se não soubesse fazer uma redacção sobre a videira, quando andava na escola, mas tiraria uma nota altamente positiva se o deixassem escrever sobre o embondeiro... Obrigavam-no a decorar as linhas dos cami-

nhos de ferro da «Metrópole», mas não lhe ensinavam as linhas da sua terra. Mas Luandino considera que a sua infância fora, apesar de tudo, privilegiada. Ele não ia de estômago vazio para a aula: tinha era de guardar, antes de ir aprender em cada dia, uma cabra.

Mais tarde, viria a ser professor primário, com alunos entre os 7 e os 24 anos. E tornar-se-ia um grande mestre da sua e da nossa língua, assimilando os dizeres, e cantares do seu povo à estrutura clássica da língua portuguesa. Luandino é um homem de recriação de culturas e de experiências. Já não escreve, desde 1972, por julgar que há questões mais prioritárias e mobilizadoras na sociedade angolana e ainda pela razão de só de-sejar recomençar a escrita se estiver plenamente con-

(CONTINUA NA PÁGINA 15)

LUANDINO VIEIRA NO PORTO

(CONTINUADO DA 9.ª PAGINA)

victo de que um novo livro ultrapassaria os anteriores. E este escritor de raro talento sente orgulho não só pela afirmação da personalidade integral do seu povo,

Hoje

AUTÓGRAFOS E COLÓQUIO

Hoje, às 18 horas, Luandino Vieira estará na livraria «Leitura/Arte», para uma sessão de autógrafos. À noite, participará num debate sobre a sua obra a realizar na Cooperativa Árvore, por iniciativa da Cooperativa «Erva Daninha», e que será introduzido por Oscar Lopes.

mas até por coisas muito simples e ironicamente comovedoras:

— A minha pátria dá-me um casaco que me permite vir à Europa. Eu posso ler em inglês, mas nenhum outro meu colega o pode fazer. Segundo os optimistas, 85% dos meus compatriotas são analfabetos e, segundo os pessimistas, 95%.

Receber heranças — foi um dos tópicos tratados no colóquio por Luandino Vieira. A herança do analfabetismo não foi das «melhores».

Hoje, nas instalações do Centro de Literatura da Faculdade, dirigirá um seminário para professores, subordinado ao tema «Luandino e o Logotetismo».

LUANDINO VIEIRA

—O PICAresco NA LITERATURA ULTRAMARINA

É muito raro acabarmos de ler uma obra literária, em Portugal, e ficarmos com a agradável impressão de termos contactado com uma obra-prima. Pois foi o que nos sucedeu com o pequeno conjunto de contos «Luuanda», que acabamos de ler, escritos por Luandino Vieira, jovem escritor angolano.

Este volume, de modesta apresentação gráfica, reúne três das dez histórias que compõem o total da obra, e é, sem favor, um dos livros mais belos, mais conseguidos, mais densos, mais consentâneos com a ideia de «criação», que nos últimos anos apareceram na literatura portuguesa.

E revela, sobretudo, um autêntico criador do picaresco, coisa tão rara na história das nossas letras.

Luandino Vieiro serve-se de uma técnica difícil, baseada e a partir da linguagem e tradição oral dos musseques angolanos. Mas dessa maneira se revela, contudo, não só um narrador de talento excepcional, como a riqueza poética e humana de um substracto social ignorado ou mal compreendido.

Partindo de histórias simples em que são intervenientes pessoas simples e braços com problemas que, por força de muitos factores, se apresentam de difícil e complicada solução, Luandino Vieira dá-nos, num denso e colorido processo de criação, toda a densidade e cor, toda a ingenuidade, poesia, bondade natural e agudeza de espírito de um povo ao mesmo tempo ingénuo e arguto, lúcido e incompreendido, vítima de interesses e pontos de vista empregados numa generalidade defeituosa.

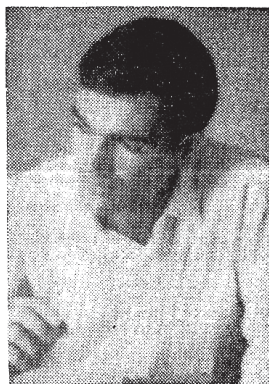
«Luuanda» faz lembrar, quer pelo processo como está elaborado, quer pela própria linguagem reproduzida ou recriada, alguns autores da literatura brasileira, nomeadamente João Guimarães Rosa. Mas também as características humanas de base, até a forma de expressão e as raízes históricas das populações angolana e brasileira se relacionam, havendo ainda a hipótese muito provável de as culturas, ambas de expressão portuguesa, se aproximarem num futuro mais ou menos próximo. Atentemos também que Angola ainda não tem uma expressão cultural própria tão radicada, fecunda e adulta, digamos assim, como, por exemplo, essa surpreendente cultura cabo-verdeana, pelo menos no âmbito da nossa literatura ultramarina. Grande parte dos seus escritores é constituída por brancos radicados na província, que sentem os problemas «por fora», talvez, e

alguns deles de modo mais objectivo e directo, mas longe da compreensão, aderência, comunhão de sentimentos, de problemas, de modos de pensar e de expressão próprios da raça.

Angola é, por outro lado, uma terra onde os problemas são diferentes, ou pelo menos mais imediatos. De tal facto resultará uma literatura diferente também, sendo, ao que julgamos, Luandino Vieira o seu primeiro grande escritor em potência, o primeiro a compreender o seu povo numa totalidade humana e social. Facto este que, diga-se desde já, é mais sugerido do que plenamente concretizado nas três belas histórias do livro «Luuanda».

Saudemos pois o aparecimento de um raro escritor, com a coragem que normalmente nos falta para reconhecer um novo pouco conhecido. Saudemos o seu talento de narrador ao mesmo tempo autêntico e luxuriante, a sua poesia tão humana como a própria realidade, a sua preocupação essencial resumida na última frase da deliciosamente pícaro Estória do Ladrão e do Papa-gaio: «...e isto é a verdade, mesmo que os casos nunca tenham-se passado.»

ARMANDO PEREIRA DA SILVA



LUANDINO VIEIRA